



GT 79. Sexo e o Dom: Etnografias das trocas afetivo-sexuais/comerciais

Coordenador(es):

Thaddeus Gregory Blanchette (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Adriana Gracia Piscitelli (Unicamp)

Sessão 2

Debatedor/a: Ana Paula da Silva (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Existe uma ambiguidade fundamental que se encontra na base das relações heterossexuais normativas engendradas, que revela-se na suposta natureza antagônica das trocas comerciais afetivo- sexuais e as relações afetivo- sexuais baseadas na reciprocidade. Nas culturas ocidentais em geral, essas duas formas de relações afetivo- sexuais tendem a ser entendidas como completamente diferentes e/ou separadas umas das outras (a teoria das “esferas separadas”), ou são configuradas como duas manifestações do mesmo fenômeno básico (a teoria “nada é diferente”). Como Viviane Zelizer aponta, porém, na vida vivida, a interação entre elas é complexa e ambígua. Nesse tipo de relação humana, onde as lógicas econômicas coincidem, se misturam, e até se co-constituem com lógicas morais e afetivas (e vice-versa), mas onde a prostituição e o amor são hegemonicamente entendidos como esferas separadas contraditórias, o “Ensaio Sobre o Dom”, de Marcel Mauss revela-se como valiosa contribuição para entender as (in)diferenças entre as várias formas de labuta/troca sexual e emocional. Nosso GT vai contemplar etnografias que exploram as complexidades e ambiguidades das trocas sexuais/afetivas, buscando desconstruir os dois modelos acima descritos. Preferencialmente daremos destaque para os trabalhos que situam essas trocas como fatos sociais totais dentro de cenários mais amplas de ação e valores, ilustrando a dialética entre a agência humana e as estruturas socioculturais em que essa é embutida.

A jovem abençoada: intercâmbios afetivo-sexuais-materiais na África do Sul

Autoria: Thais Henriques Tiriba (USP - Universidade de São Paulo)

Nessa apresentação percorrerei o chamado fenômeno *blessing* na África do Sul. Trata-se de um arranjo intergeracional no qual homens de mais recursos se engajam em intercâmbios afetivo-sexuais-materiais com mulheres mais jovens. Tais arranjos são objeto de meu projeto de doutorado em andamento no qual, tomando como pano de fundo as dinâmicas históricas, sociais, econômicas e culturais que viabilizam e tornam desejável esse gênero de relacionamento, tenho por objetivo localizar as especificidades do caso sul-africano dentro da conjuntura mais ampla dos debates acerca das novas afetividades (digitais) na contemporaneidade. O termo *blessing*, nome dado aos homens que se engajam nesses relacionamentos, foi disseminado nas redes nos últimos anos. O termo advém da hashtag #blessed, comumente utilizada no mundo de língua inglesa junto a imagens postadas nas redes sociais. A compreensão usual acerca do fenômeno é que *blessings* se fariam valer de seu lugar de maior status social para oferecer a jovens mulheres bens materiais em troca de favores sexuais. Está bem documentado que na África do Sul, bem como em outros lugares no continente, as relações afetivo-sexuais e de aliança se constituem e conformam redes de obrigações e dependências que se dão por meio dos intercâmbios de sexo, *work*, *afeto* e ajuda material. Esse é um sistema de troca segundo o qual o ato de dar presentes ou dinheiro, de um homem a uma mulher, expressa e constitui um laço emocional e obriga a receptora a alguma forma de reciprocidade, usualmente sexual (G?SELL, 2016). A denominação *blessing* e as caracterizações desses relacionamentos como parte do *blessing phenomenon* ou da *sugar daddy syndrome* são, entretanto, recentes. Esses termos vêm sendo



encontrados amplamente na grande mídia e nas redes sociais nos últimos anos e os arranjos aparecem em conversas cotidianas e em debates sobre gênero e sexualidade nas instituições de ensino e pesquisa. Argumenta-se pela correlação entre esses relacionamentos e o aumento do contágio de HIV/AIDS entre jovens mulheres. Enquanto entidades cristãs apelam para que o termo *blessed* volte aos lugares de prece, na grande mídia e no senso comum a compreensão do fenômeno é colocada em termos altamente morais: homens subornando jovens que se vendem por crédito para celular, champagne e tranças. Nessa apresentação vou perseguir as compreensões acerca dos arranjos que são meu objeto na África do Sul acompanhada pela análise do romance *The blessed girl?*, de Angela Makholwa, publicado em 2017. O texto é narrado em primeira pessoa pela bela Bontle Tau, uma jovem na casa dos vinte anos que saiu das townships para buscar uma vida de luxo em um dos distritos mais exclusivos de Johannesburgo.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: